



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade devem indicar ligeiro crescimento do PIB no 2T23

Em semana com agenda de indicadores pouco movimentada, o mercado monitora o desempenho das *proxies* mensais do PIB com o fechamento do segundo trimestre. Destaque para o resultado do índice IBC-Br, divulgado agora há pouco pelo Banco Central, que subiu 0,63% em junho, recuperando parte da queda observada no mês anterior (-2,05%). Com o resultado, o indicador avançou 0,43% no 2º trimestre, reforçando a expectativa de um ligeiro crescimento da economia no período. Amanhã (13), a FGV divulga o Monitor do PIB, que, assim como o IBC-Br, também deve sinalizar alguma expansão da atividade no trimestre, embora em desaceleração.

Em relação à inflação, o IGP-10 de agosto deve seguir em deflação, com continuidade da dinâmica benigna dos preços no atacado. A expectativa é de que o índice recue 0,28% no mês, acumulando deflação de 7,50% em 12 meses (ante -7,89%).

No cenário político, os agentes acompanham as discussões sobre a votação final do arcabouço fiscal na Câmara e o início da tramitação da reforma tributária no Senado. Os deputados devem se reunir ao longo da semana para discutir se aceitarão as alterações no texto do novo arcabouço feitas pelo Senado, que, em geral, abriram espaço para ampliação dos gastos do governo, com a criação de novas exceções à regra geral. Sobre a reforma tributária, o senador Eduardo Braga (MDB-AM), relator da proposta na Casa, deve propor um plano de trabalho para a tramitação da medida na CCJ.

Na agenda corporativa, a semana marca o fim da safra de balanços dos bancos (e instituições do setor financeiro) de capital aberto referente ao 2º trimestre. Hoje (14) serão conhecidos os resultados dos bancos Inter, Banrisul e XP. Amanhã (15) é a vez do Nubank fechar a rodada de divulgações do setor.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T23

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Inter	14/ago	32,2	33,1%	107,6%
XP	14/ago	990,5	24,4%	8,5%
Banrisul	14/ago	247,4	16,2%	8,6%
Nubank	15/ago	801,3	8,9%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.

Na agenda internacional, destaque para os dados de atividade de julho das maiores economias mundiais (EUA e China), que, de um lado, testará a expectativa dos agentes de que o processo de aperto monetário do Fed acabou; e, de outro, que pode incentivar o governo chinês a adotar novos estímulos. Nos EUA, o resultado das vendas no varejo será conhecido na terça (15), enquanto na quarta (16) será a vez da produção industrial e dados do setor imobiliário, que em geral, devem seguir apontando alguma resiliência da atividade norte-americana, e com isso, manter a inflação (núcleos e serviços) sob pressão. Na China, serão divulgados hoje (14) à noite os dados de produção industrial e vendas no varejo, que devem registrar altas anuais de cerca de 4%, mantendo um ritmo “lento” de crescimento para os padrões do país.

Ainda nos EUA, na quarta (16), será divulgada a ata da última reunião de política monetária do Fed. O documento pode entrar em mais detalhes sob, em que condições, o Fed pode ainda voltar a elevar os juros, atualmente entre 5,25% e 5,50% aa.

Na Zona do Euro, haverá a divulgação da leitura final dos preços ao consumidor (CPI) na sexta (18), que deve confirmar a prévia e desacelerar para uma alta de 5,3% em 12 meses (ante 5,5% em jun/23), beneficiada pela queda dos preços de energia e alimentos. Também na região, serão conhecidas a 2ª leitura do PIB e a produção industrial de junho na terça (16).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/ago	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Jun/23	0,5% m/m 1,8% a/a	-2,0% m/m 2,1% a/a
15/ago	FGV: Monitor do PIB	Jun/23	-	-3,0% m/m 1,8% a/a
17/ago	FGV: IGP-10	Ago/23	-0,28% m/m -7,50% a/a	-1,10% m/m -7,89% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/ago	China	Produção Industrial	Jul/23	4,3% a/a	4,4% a/a
14/ago	China	Vendas no varejo	Jul/23	4,0% a/a	3,1% a/a
15/ago	EUA	Vendas no varejo	Jul/23	0,4% m/m	0,2% m/m
16/ago	Zona do Euro	PIB	2º tri/23 – 2ª leitura	0,3% t/t-1	0,0% t/t-1
16/ago	Zona do Euro	Produção Industrial	Jun/23	0,0% m/m	0,2% m/m
16/ago	EUA	Ata da última reunião do Fomc/Fed	26/jul/23	-	-
16/ago	EUA	Produção Industrial	Jul/23	0,3% m/m	-0,5% m/m
16/ago	EUA	Construção de casas novas	Jul/23	0,8% m/m	-8,0% m/m
16/ago	EUA	Alvarás para novas construções	Jul/23	1,9% m/m	-3,7% m/m
18/ago	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jul/23 – final	5,3% a/a	5,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom sinaliza como pouco provável uma intensificação do ritmo de ajuste

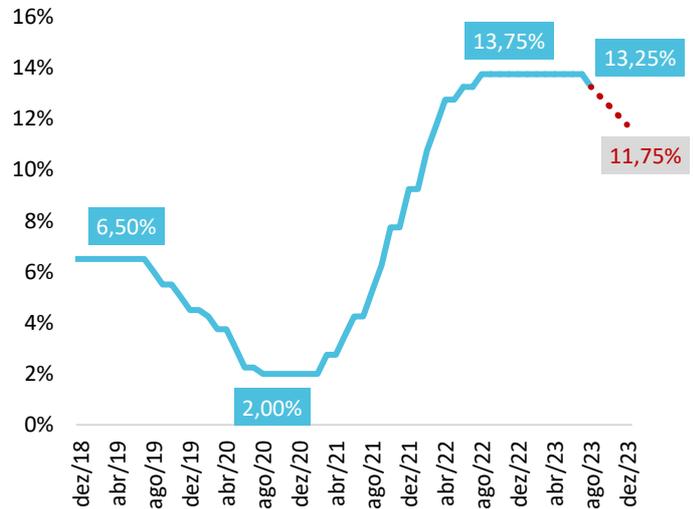
A Ata da última reunião do Copom buscou esclarecer o motivo que levou a maioria dos diretores a optar por um corte de 0,5 pp da taxa Selic já no início do ciclo (surpreendendo parcela do mercado), além de reforçar a sinalização de novos cortes de mesma magnitude nas próximas reuniões. Segundo o documento, o Comitê julgou haver mérito em ambas as opções (de 0,25 pp ou de 0,50 pp), sendo compatíveis com a convergência da inflação para a meta. A ata apontou que um grupo (minoridade) defendeu uma redução mais parcimoniosa, em linha com a sinalização recente do Copom, além do fato de não terem sido observadas alterações relevantes no cenário desde então. Já o outro grupo (maioria) entendeu que a política monetária em patamar significativamente contracionista permitia um início de ciclo em ritmo moderado, destacando a dinâmica positiva recente da inflação e a reancoragem parcial das expectativas após decisão do CMN.

Para as próximas reuniões, a Ata reforçou a expectativa unânime dos dirigentes pela manutenção de cortes de 0,50 pp, apontando como pouco provável uma intensificação do ritmo, dado que exigiria surpresas positivas substanciais. Tal aceleração dependeria de uma ancoragem bem mais sólida das expectativas, uma abertura contundente do hiato do produto (desaceleração da atividade) ou uma dinâmica substancialmente mais benigna da inflação de serviços. Ainda, o Comitê destacou que não há evidência de que esteja em curso um aperto monetário além do necessário para garantir a convergência da inflação para a meta e que o cenário inspira cautela.

Outro destaque do documento foi a discussão sobre as possíveis razões para a reancoragem ainda parcial das expectativas de longo prazo em relação à meta (em 3,5%, ante meta de 3%). Segundo o Colegiado, essa divergência pode estar associada a três fatores: incertezas ainda persistentes sobre a dinâmica fiscal (não cumprimento das metas de resultado primário estabelecidos no novo arcabouço); inflação global mais elevada por período prolongado; ou percepção dos agentes de que, ao longo do tempo, o BC pode se tornar mais leniente no combate à inflação.

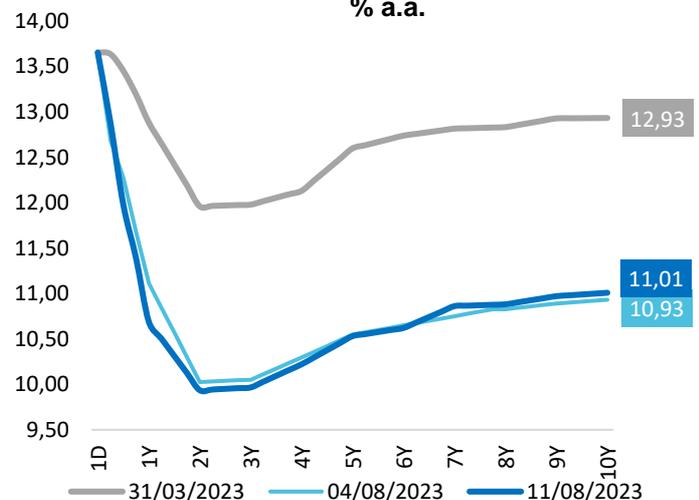
Assim, apesar da surpresa com o corte mais intenso que o esperado, o Copom voltou a pregar cautela, sinalizando como apropriado novos cortes de 0,50 p.p., buscando descartar, por ora, cortes de 0,75 pp nas próximas reuniões.

Quadro 1: Taxa Selic e Projeção* - % a.a.



Fonte: BCB. * Estimativa considerando cortes de 0,50 pp até o fim do ano.

Quadro 2: Curva de Juros Futuros % a.a.



Fonte: Bloomberg

Após a publicação da Ata, o IBGE divulgou a inflação (IPCA) de julho, que subiu 0,12%, um pouco acima do esperado (+0,08%), mas com uma composição benigna, com desaceleração nas medidas de núcleo e na inflação de serviços. De toda forma, o cenário base segue sendo um corte de 0,50 pp na próxima reunião do Copom, embora com aumento das discussões sobre a possibilidade de aceleração do ritmo (para 0,75 pp).

No mês, o principal impacto de alta veio da gasolina (+4,75%), refletindo a volta da cobrança da alíquota cheia dos impostos federais (PIS/Cofins). O aumento dos preços dos automóveis novos (+1,65%) também pressionou o indicador, revertendo os descontos aplicados no mês anterior com o programa de incentivos do governo. Na outra ponta, os principais vetores de baixa foram a energia elétrica (-3,89%), refletindo os descontos nas tarifas (bônus de Itaipu), e os alimentos no domicílio (-0,72%), que seguiram em deflação, beneficiados pela maior oferta de produtos.

Apesar da baixa variação no mês, o indicador acelerou de maneira considerável em 12 meses, de 3,16% para 3,99%, em função da exclusão do resultado de jul/22 (-0,68%) da base de comparação, quando foram estabelecidas as desonerações de impostos sobre combustíveis e energia elétrica. Tal efeito levou a inflação dos itens monitorados de -1,3% para 3,6% em base anual. Este efeito, por sinal, deve seguir pressionando o índice nos próximos dois meses.

Contudo, no geral, a leitura de julho veio em tom positivo, com uma composição favorável. A difusão da inflação seguiu baixa (46,2%, menor nível desde mai/20) e os componentes mais inerciais e sensíveis à política monetária seguiram em trajetória de acomodação. A média dos núcleos recuou de 5,99% para 5,63%, enquanto os serviços subjacentes passaram de 6,73% para 6,10%. Apesar da trajetória positiva, tais métricas seguem bem acima da meta de inflação (3%), fato que deve manter o tom cauteloso do Copom, com corte de 0,50 pp na reunião de setembro (dias 19 e 20).

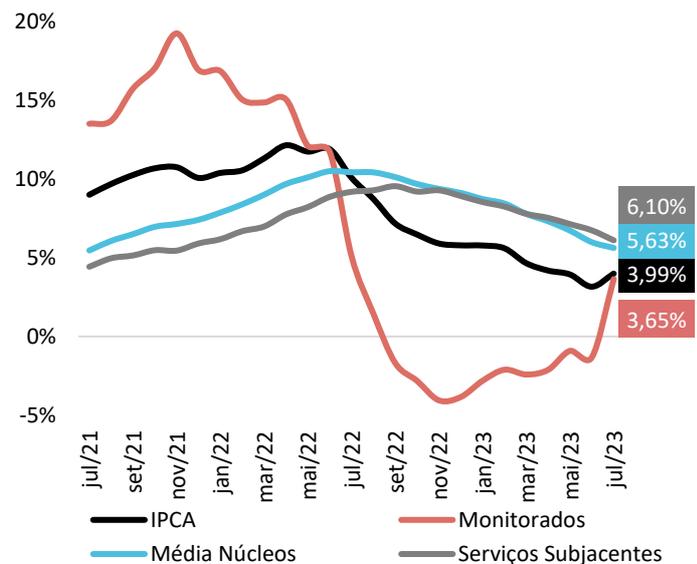
Já o IGP-DI de julho seguiu sinalizando uma dinâmica benigna dos preços no atacado, que deve seguir contribuindo para a melhora do quadro inflacionário. O índice recuou 0,40% no mês, a 5ª queda seguida, embora atenuando o recuo ante os meses anteriores. A queda foi novamente puxada pelos preços ao produtor, mas com algumas alterações. *Commodities* de grande peso apresentaram reversão e subiram, como no caso da soja (de -3,61% para 3,82%) e do minério de ferro (de -2,19% para 1,95%). Porém, a deflação de diversos produtos *in natura* e da gasolina automotiva sustentaram um novo recuo do IPA no mês (-0,61%).

Quadro 3: IPCA – Var.% mensal



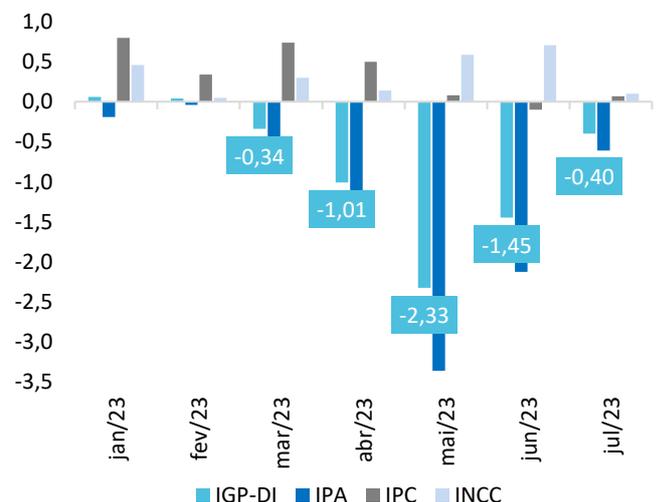
Fonte: IBGE

Quadro 4: IPCA e Medidas Subjacentes – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 5: IGP-DI e Aberturas – Var.% mensal



Fonte: FGV

Em relação à atividade, os indicadores setoriais (varejo e serviços) divulgados pelo IBGE na última semana registraram desempenho positivo em junho, fechando o segundo trimestre em alta. Desta forma, indicam uma acomodação gradual da economia, com possibilidade de uma nova ligeira alta do PIB no 2T23, sustentando a expectativa de um crescimento do PIB próximo a 2,5% em 2023.

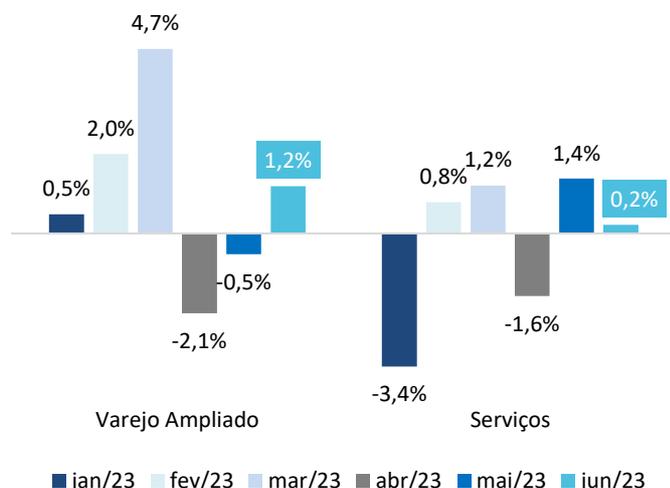
As vendas no varejo (ampliado) surpreenderam positivamente ao crescer 1,2% em junho, ante expectativa de queda de 0,3%. Assim, o setor voltou a avançar após duas quedas seguidas. O resultado foi puxado pelas vendas de veículos (+8,5%), impulsionado pelo programa de descontos do governo, e nos supermercados (+1,3%), beneficiado pela deflação dos alimentos no mês. Contudo, a alta do varejo não foi disseminada entre as atividades, com 5 dos 10 ramos pesquisados caindo no mês, como as vendas de combustíveis (-0,6%) e materiais de construção (-0,3%).

Com o resultado, o varejo (ampliado) fechou o 2º trimestre com alta de 1,7%, sugerindo que o consumo das famílias seguiu em expansão no período, embora em desaceleração ante o 1º trimestre (+3,7%). O avanço foi sustentado pelos segmentos mais dependentes da renda, como supermercados (+1,4%) e artigos farmacêuticos (+3,6%), apoiados pelo mercado de trabalho aquecido, desaceleração da inflação e aumento das transferências de recursos do governo (reajuste do salário mínimo, antecipação do 13º salário do INSS, etc.). Já os segmentos mais dependentes do crédito recuaram, como vestuário (-6,8%), materiais de construção (-2,8%) e móveis e eletrodomésticos (-1,1%), refletindo o contexto de juros e inadimplência das famílias em níveis elevados. A exceção foi o segmento de veículos (+1,9%), influenciado pelos estímulos para a compra de automóveis.

O setor de serviços, por sua vez, avançou 0,2% em junho, abaixo do esperado pelo mercado (+0,5%), mas compensado pela revisão positiva do dado de maio (de 0,9% para 1,4%). No mês, 3 dos 5 segmentos analisados avançaram, com destaque para a terceira alta seguida dos serviços prestados às famílias (+1,9%), de importante peso no cálculo do PIB (e na dinâmica inflacionária). Os serviços de informação (+0,5%) e profissionais e administrativos (+0,8%) também cresceram no período.

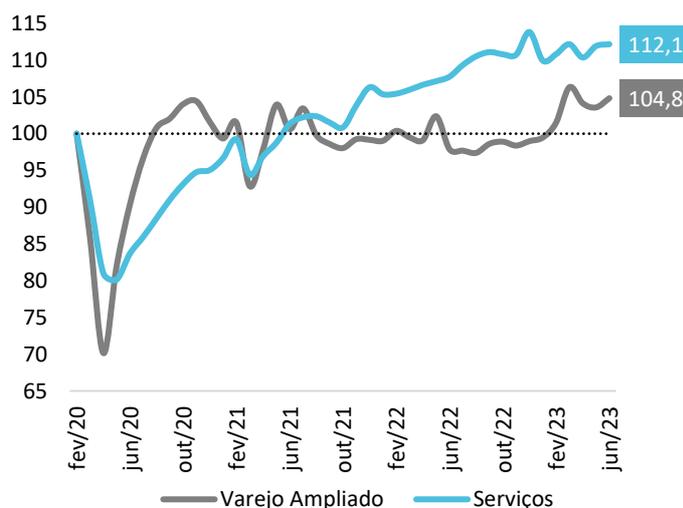
Com o resultado, o setor registrou expansão de 0,5% no 2º trimestre, também sinalizando contribuição positiva para o PIB, após retrain 0,7% no trimestre anterior. No geral, a leitura sinaliza que o setor segue apresentando resiliência, embora também com tendência de moderação.

Quadro 6: Varejo Ampliado e Serviços Var.% Mensal



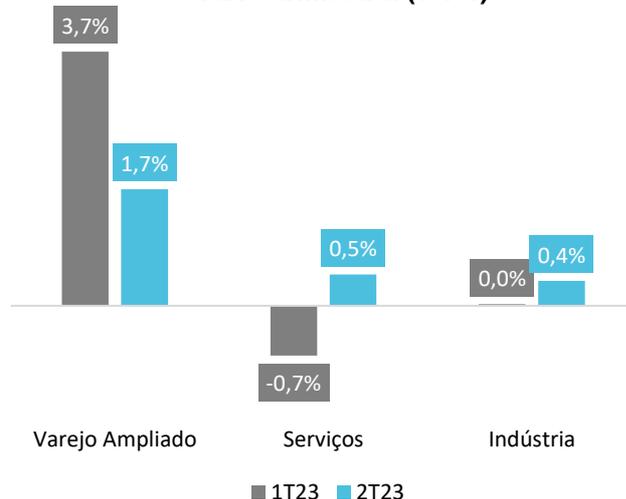
Fonte: IBGE

Quadro 7: Indicadores de Atividade – série dessazonalizada (fev/20 = base 100)



Fonte: IBGE

Quadro 8: Indicadores de Atividade – Var.% trimestral (T/T-1)



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

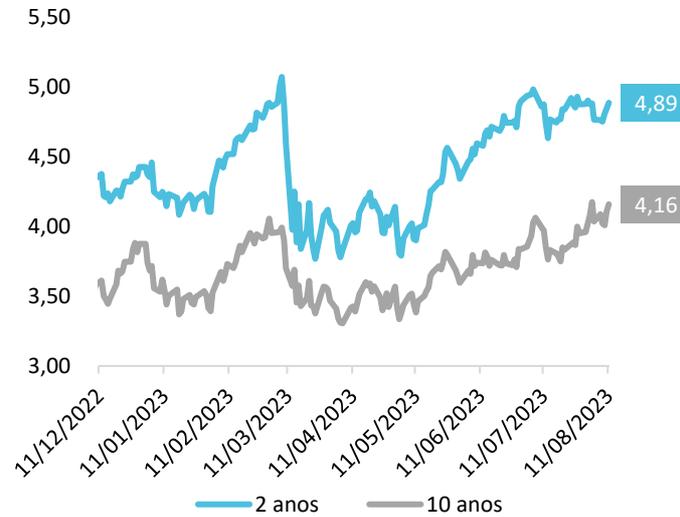
Política fiscal nos EUA e atividade na China pressionam os mercados

Bolsas e ativos de risco internacionais fecharam em baixa na semana, de forma geral. Apesar da leitura da inflação ao consumidor (CPI) nos EUA ter vindo em linha com o esperado, alguns discursos de dirigentes do Fed (Michelle Bowman e Mary Daly) em tom mais *hawkish*, afastaram o otimismo dos agentes, ao sugerir que o Fed ainda tem trabalho pela frente para trazer a inflação para a meta (2% aa), o que deixaria a porta aberta para mais uma alta dos juros. Além disso, a política fiscal norte-americana também segue preocupando. O governo federal registrou um déficit de US\$ 221 bi apenas em julho, totalizando US\$ 1,61 tri nos 10 meses do ano fiscal de 2023 (que se encerra em setembro), mais do que o dobro (+122%) do resultado do mesmo período de 2022. Tal deterioração, que levou a Fitch a rebaixar a nota soberana do país recentemente, pressionou as taxas de juros das *Treasuries* na semana. Por fim, os agentes seguem preocupados com a economia chinesa, que entrou em deflação em julho e voltou a apresentar retração nos dados do setor externo.

O CPI norte-americano subiu 0,2% no mês de julho, pressionado pelo preço do óleo combustível (+3,0%), gás encanado (+2,0%) e moradia/aluguel (+0,4%), importante componente do núcleo. Por outro lado, houve alívio no preço de veículos usados (-1,3%) e energia elétrica (-0,7%). O dado veio conforme o esperado e foi importante para reforçar o sentimento geral de que a inflação está desacelerando de forma gradual no país, respondendo ao aperto monetário promovido pelo Fed. Em 12 meses, o indicador acelerou para 3,2% (ante +3,0%), em função da baixa base de comparação (+0,0% em jul/22) após queda nos preços dos combustíveis naquele mês. O núcleo do indicador, sem alimentos e energia, também subiu 0,2% no mês, desacelerando para 4,7% em 12 meses (ante 4,8%). Já os preços ao produtor (PPI) subiram mais do que o esperado em julho (0,3% vs 0,2%) e aceleraram, em base anual, para 0,8% (ante +0,2%).

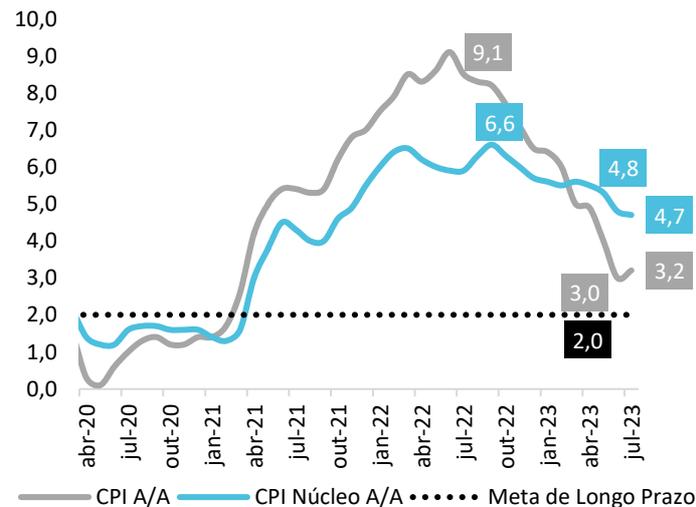
Na China, o setor externo voltou a reforçar a perda de ímpeto da atividade no país. As exportações caíram 14,5% em julho (ante jul/22), mais que o esperado (-13,2%), enquanto as importações recuaram 12,4%, também bem pior que as expectativas (-5,6%). Já os dados de inflação reforçaram a tese de desaceleração da economia do país asiático, uma vez que tanto os preços ao consumidor (CPI) como ao produtor (PPI) registraram deflação nos 12 meses encerrados em julho. O CPI recuou 0,3% no período, enquanto o PPI caiu 4,4%.

Quadro 9: EUA – Taxas de Juros das *Treasuries* de 2 e 10 anos (Em %)



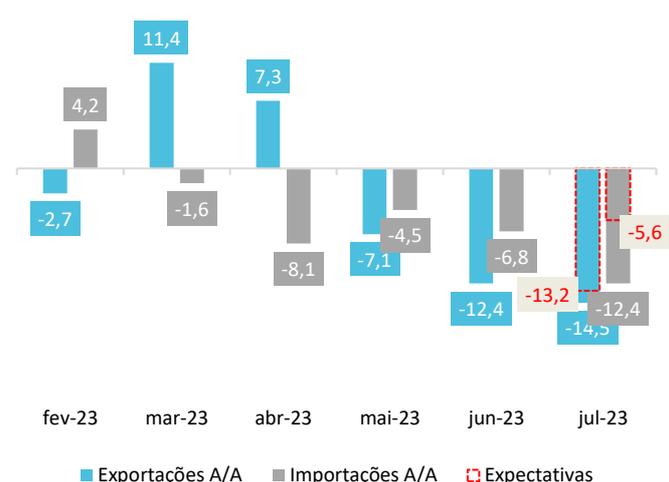
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: China – Exportações e Importações Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2º Tri/23 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco reportou um lucro líquido gerencial de R\$ 8,7 bilhões no 2º trimestre. O resultado veio em linha com o esperado (R\$ 8,6 bi) e representa um crescimento de 3,6% ante o 1T23 e de 13,9% ante o mesmo período do ano anterior. Com isso, o ROE atingiu 20,9%, subindo 0,2 pp no trimestre e 0,1 pp em 12 meses, embora ainda abaixo do patamar pré-pandemia (23,7% em 2019).

No trimestre, o resultado foi beneficiado pela expansão da margem financeira (+5,3%), puxada pela melhora da margem com o mercado (+65,9%, para R\$ 1,0 bi), em função dos maiores ganhos na gestão de ativos e maior remuneração dos investimentos no exterior. A margem com clientes (+3,7%) também cresceu, em razão do maior volume médio de crédito e ligeiro aumento dos spreads. Tais fatores mais do que compensaram a mudança do mix da carteira para linhas mais seguras (menor retorno).

Já as receitas com serviços ficaram praticamente estáveis (+0,2%), com alta no segmento de assessoria (+24,5%), compensada pelas quedas em administração de recursos (-3,9%) e conta corrente (-3,1%). No caso da conta corrente, houve redução de tarifas com a readequação de estratégia, segundo o banco. Assim como visto em outros *players*, a operação de seguros apresentou um bom desempenho (+2,9%) no trimestre.

Do lado das despesas, a PDD subiu 6,7% no trimestre, atingindo R\$ 9,6 bi, refletindo, principalmente, a normalização da provisão para a carteira de Atacado no Brasil, que saiu de R\$ 194 mi para R\$ 592 mi. Já as despesas operacionais subiram 3,5%, puxadas pelas despesas de pessoal (+6,0%). Mesmo assim, o índice de eficiência do banco (quanto menor, melhor), atingiu 39,6% (ante 39,8% no 1T23), renovando a melhor marca da série histórica.

A carteira de crédito ampliada do Itaú subiu 6,2% em 12 meses e ficou praticamente estável (-0,1%) no trimestre, atingindo R\$ 1,152 tri. No comparativo anual, a alta foi puxada pela carteira destinada às famílias (+8,9%). Os destaques vieram tanto de linhas mais rentáveis e arriscadas, como o crédito pessoal (+21,1%), como de linhas com garantias, como o imobiliário (+17,0%), que contou com forte expansão mesmo em um cenário de juros elevados. Já a carteira PJ caiu 0,6%, em função da redução (-6,9%) no saldo destinado às grandes empresas, que mais do que compensou a expansão (+5,3%) da carteira para as MPMEs.

A inadimplência (acima de 90 dias), por sua vez, chegou a 3,0% da carteira total, subindo 0,1pp no tri e 0,3 pp no ano, atingindo o maior patamar desde o 1T20 (3,1%). No trimestre, a alta foi puxada pela carteira de MPMEs (+0,2 pp, para 2,5%), enquanto a inadimplência da carteira PF ficou estável em 4,9%. Os atrasos (entre 15 e 90 dias) totais permaneceram estáveis em 2,5% da carteira, sugerindo, assim como visto em outros bancos, que o processo de elevação da inadimplência parece próximo do fim.

O Itaú manteve seu *guidance* praticamente inalterado para 2023, revisando para baixo apenas a expansão esperada das receitas de serviços, após o desempenho mais fraco do mercado de capitais no 1º semestre. A expectativa de expansão da carteira de crédito segue entre 6% e 9% no ano.

Quadro 12: Resultado 2T23 – Itaú Unibanco

Itaú Unibanco – R\$ Mi	2T22	1T23	2T23	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS					
Ativo Total	2.294.476	2.547.033	2.585.768	1,5%	12,7%
TVM	773.742	862.643	932.301	8,1%	20,5%
Depósitos	828.693	914.834	923.281	0,9%	11,4%
Patrimônio Líquido	160.674	174.073	178.424	2,5%	11,0%
DRE					
Margem Financeira Gerencial	22.638	24.692	25.997	5,3%	14,8%
Margem com Clientes	21.988	24.048	24.927	3,7%	13,4%
Margem com o Mercado	650	645	1.070	65,9%	64,6%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-7.814	-9.009	-9.609	6,7%	23,0%
Receitas de prestação de serviços	10.499	10.347	10.363	0,2%	-1,3%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	1.770	2.021	2.079	2,9%	17,5%
Despesas não Decorrentes de Juros	-13.310	-13.789	-14.272	3,5%	7,2%
IR/CSLL	-3.810	-3.169	-3.388	6,9%	-11,1%
Lucro/Prejuízo do período ²	7.679	8.435	8.742	3,6%	13,9%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹					
ROAE	20,8%	20,7%	20,9%	0,2 pp	0,1 pp
ROAA	1,4%	1,3%	1,4%	0,0 pp	0,0 pp
Índice de eficiência	40,8%	39,8%	39,6%	-0,1 pp	-1,1 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	1.084.142	1.152.970	1.151.617	-0,1%	6,2%
PF	372.058	402.488	405.157	0,7%	8,9%
PJ	295.389	298.667	293.605	-1,7%	-0,6%
Estoque de PDD p/ operações de crédito	-45.360	-53.764	-53.618	-0,3%	18,2%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,8%	0,8%	0,1 pp	0,1 pp
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	4,2%	4,7%	4,7%	0,0 pp	0,5 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,7%	2,9%	3,0%	0,1 pp	0,3 pp
Índice de Basileia	14,1%	15,0%	15,1%	0,1 pp	1,0 pp
Índice de Cobertura > 90 dias	218%	212%	212%	-0,1 pp	-6,2 pp

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, *commercial papers*, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 2º Tri/23 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou um lucro líquido gerencial de R\$ 8,8 bilhões, ligeiramente acima do esperado pelo consenso do mercado (R\$ 8,7 bi). O resultado foi 2,8% maior do que o observado no 1T23 e 11,7% superior ao do 2T22; e, representa um ROE de 21,3%, superior em 0,4 pp ao do trimestre anterior e 0,5 pp acima do observado no 2º trimestre de 2022.

O bom resultado do trimestre se deu em função da expansão da margem financeira bruta (+8,2%), que contou com elevação do resultado da tesouraria (+15,3%) e, em menor grau, das operações de crédito (+4,1%). Neste caso, beneficiadas pelo maior volume de crédito, enquanto o spread médio da carteira ficou relativamente estável. As receitas com serviços também contribuíram para o resultado positivo, com alta de 1,9% ante o 1T23. Destaque para os ganhos com consórcio (+5,6%) e conta corrente (+3,6%).

Do lado negativo, pesou a alta da PDD (+22,6%), refletindo o aumento da inadimplência na carteira PF em produtos sem garantia, e na carteira PJ, em especial, no segmento de grandes empresas. Da alta nominal de R\$ 1,3 bi das despesas de PDD no trimestre, R\$ 339 mi foi referente ao rebaixamento do rating (de F para G) de uma única empresa do Atacado (leia-se Americanas). Agora, o BB passou a provisionar 70% do risco que possuía com a empresa, ante 50% até então.

Já as despesas subiram 3,9% no trimestre, puxadas pelos gastos administrativos (+5,3%) e despesas de pessoal (+3,1%). De toda forma, o BB segue melhorando sua eficiência operacional. O índice de eficiência (quanto menor, melhor) atingiu 28,3% nos últimos 12 meses, melhor marca da série histórica.

A carteira de crédito ampliada do BB subiu 13,6% em um ano e 1,2% no trimestre. A alta no comparativo anual foi sustentada pela carteira do agronegócio (+22,7%), onde a IF é líder de mercado. Já a carteira destinada às empresas cresceu 10,4%, impulsionada pela alta no saldo para as MPMEs (+21,8%), mas também com expansão na carteira de grandes empresas (+8,6%). Já a carteira PF subiu 10,0%, pressionada pelo crédito renegociado (+26,9%), segundo o BB numa estratégia de antecipação ao programa Desenrola.

A inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 2,7% da carteira total, com alta de 0,1 pp no tri e 0,7 pp em 12 meses. Na margem, a alta veio do crédito PJ (+0,4 pp), liderada por um cliente em recuperação judicial (provavelmente Americanas), enquanto a inadimplência da carteira PF (-0,1 pp) registrou ligeira queda. No mesmo comparativo, os atrasos (entre 15 e 90 dias) permaneceram estáveis em 4,5%, com uma dinâmica semelhante: piora em PJ (+0,2 pp) e melhora em PF (-0,4 pp).

Assim como outras IFs, o BB também revisou parte do seu *guidance* para 2023. Destaque para a revisão para cima da expansão esperada da carteira de crédito, para uma alta entre 9% e 13% (ante 8% a 12%), e consequentemente da margem bruta (22% a 26%; ante +17% a 21%). Por outro lado, dada a maior expansão do crédito, também revisou para cima os gastos com PDD, além de revisar para baixo as receitas com serviços. De toda forma, manteve a expectativa de lucro líquido entre R\$ 33 bi e R\$ 37 bi para 2023.

Quadro 13: Resultado 2T23 – Banco do Brasil

Banco do Brasil – R\$ Mi	2T22	1T23	2T23	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.091.608	2.114.744	2.103.152	-0,5%	0,6%
TVM	411.839	435.400	446.412	2,5%	8,4%
Depósitos	745.011	774.859	793.362	2,4%	6,5%
Patrimônio Líquido	155.993	169.533	167.680	-1,1%	7,5%
DRE					
Margem Financeira Bruta	17.056	21.161	22.887	8,2%	34,2%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-2.937	-5.855	-7.176	22,6%	144,3%
PDD - Risco de Crédito	-4.581	-4.148	-8.495	104,8%	85,5%
PDD - Recuperação de Crédito	2.136	1.889	2.150	13,8%	0,6%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	7.847	8.132	8.286	1,9%	5,6%
Despesas Administrativas	-8.305	-8.698	-9.035	3,9%	8,8%
IR/CSLL	-2.491	-2.564	-2.335	-9,0%	-6,3%
Lucro Líquido Ajustado	7.867	8.550	8.785	2,8%	11,7%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	20,8%	21,0%	21,3%	0,4 pp	0,5 pp
ROAA	1,5%	1,7%	1,7%	0,0 pp	0,1 pp
Índice de eficiência	33,2%	29,0%	28,3%	-0,7 pp	-4,9 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	919.511	1.032.830	1.044.859	1,2%	13,6%
Interna	873.394	985.357	995.532	1,0%	14,0%
PF	274.516	300.120	302.052	0,6%	10,0%
PJ	336.836	362.726	371.874	2,5%	10,4%
Agronegócios	262.042	322.511	321.606	-0,3%	22,7%
Externa	46.117	47.474	49.326	3,9%	7,0%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,3%	0,6%	0,7%	0,1 pp	0,4 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,0%	2,6%	2,7%	0,1 pp	0,7 pp
Índice de Basileia	17,5%	16,2%	15,7%	-0,5 pp	-1,8 pp
Cobertura > 90 dias	271,0%	202,7%	201,3%	-1,4 pp	-69,7 pp

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

**Boletim do Mercado de Capitais
Anbima – Jul/23**

CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou que as emissões no mercado de capitais doméstico totalizaram R\$ 39,2 bilhões em julho, queda de 15,5% ante junho e de 53,3% ante jul/22, quando houve a privatização da Eletrobras (R\$ 33,3 bi). Sem tal efeito, o recuo teria sido de 22,5%. Apesar disso, o número de julho foi o segundo melhor do ano, atrás apenas de junho (R\$ 46,4 bi), reforçando o viés de recuperação do segmento, refletindo a melhora do cenário econômico e a expectativa de redução da taxa Selic (processo iniciado na reunião de agosto).

Abrindo por instrumentos, a queda do volume emitido no mês ocorreu exclusivamente entre as debêntures (-50,6%), que passaram de R\$ 25,4 bi para R\$ 12,5 bi. Mesmo assim, o instrumento tem sido a principal fonte de captação de recursos pelas empresas no mercado de capitais, representando 47,1% do total captado no ano.

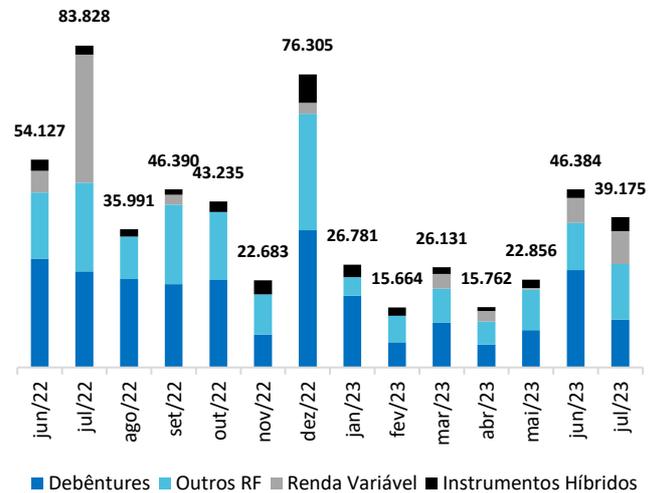
Por outro lado, os demais instrumentos mostraram recuperação ante o mês anterior. Destaque para as operações de *follow-on* (oferta secundária de ações), que subiram 31,1% no mês, totalizando R\$ 8,6 bi, lideradas pela emissão da empresa BRF (R\$ 5,4 bi). Apenas nos meses de junho e julho foram captados R\$ 15,1 bi em operações deste tipo (representando 68,4% do total do ano), reforçando os sinais de melhora recente no segmento. Contudo, até o momento não houve nenhum IPO (oferta primária de ações) em 2023.

Já as emissões através dos demais instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs e Notas Comerciais) subiram 17,2% em julho, liderados pelos ativos de securitização (CRAs, CRIs e FDICs), cuja emissão totalizou R\$ 12,5 bi (+52,7%). Já as captações via instrumentos híbridos subiram 67,6% no mês, ficando em R\$ 3,7 bi, melhor mês do ano, com expansão dos Fiagros (+185,2%) e FIIs (+55,0%).

Apesar da melhora recente, no acumulado do ano, os números ainda são bem fracos. No total, o volume emitido cai 40,0% (R\$ 192,7 bi ante R\$ 321,3 bi), com redução disseminada entre os instrumentos.

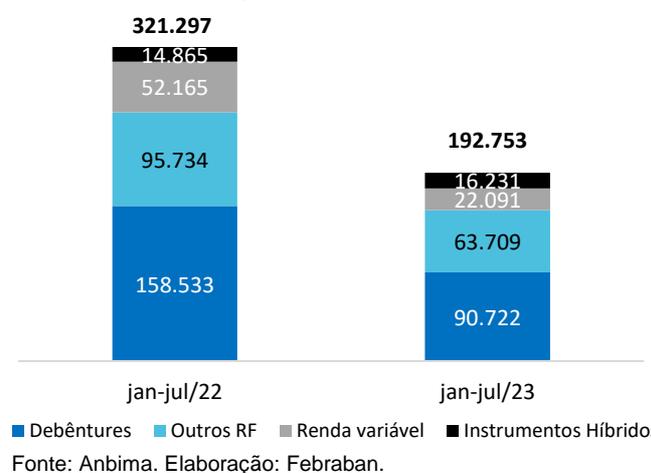
De toda forma, com a redução das incertezas e o início do processo de queda da taxa Selic, as operações no mercado de capitais devem continuar mostrando recuperação ao longo do segundo semestre. A expectativa é que tal retomada seja mais forte nas emissões com instrumentos de renda variável (mais prejudicados pelo ambiente de alta taxa de juro, cf. Quadro 16). Em um primeiro, tal momento deve ocorrer através de operações de *follow-on* (empresas que já possuem capital aberto), e, posteriormente, devemos voltar a ver novos IPOs (empresas estreantes na bolsa).

Quadro 14: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



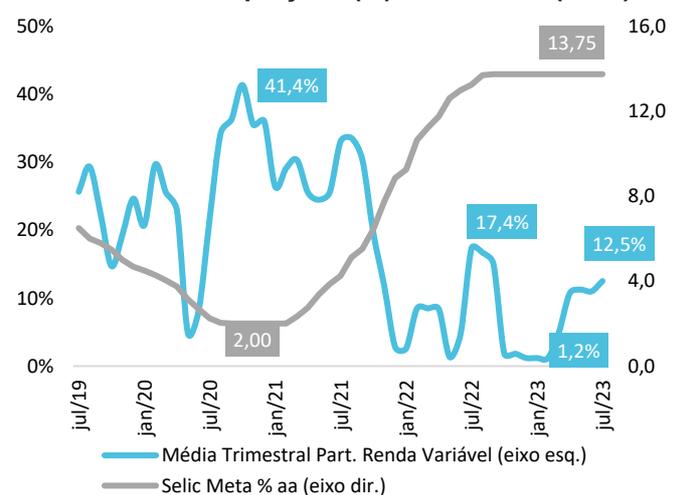
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 15: Captação no Mercado de Capitais Acum. no ano por instrumento - Em R\$ mi



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 16: Média trimestral da part. da Renda Variável nas captações (%) e taxa Selic (% aa)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jul/23

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou captação líquida negativa de R\$ 3,6 bilhões em julho, conforme divulgado pelo Banco Central. Os saques voltaram a superar os depósitos, dinâmica que vem sendo a tônica da modalidade desde agosto de 2021, quando em apenas 4 dos últimos 24 meses a captação líquida foi positiva.

De toda forma, o resultado de julho foi melhor do que o observado no mesmo mês do ano passado (R\$ -13,2 bi, com dados já ajustados pelo IPCA). Ainda assim, o acumulado deste ano segue um pouco abaixo do observado em 2022, com saque líquido de R\$ 71,3 bi (ante R\$ 66,9 bi, em valores corrigidos pela inflação).

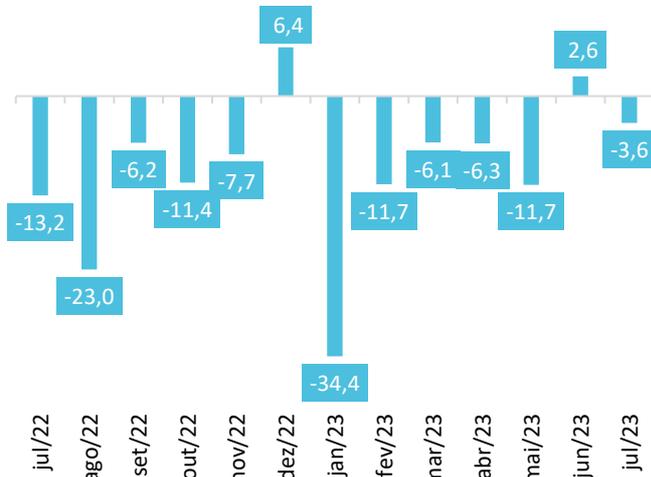
Apesar do resultado negativo, o saldo da poupança subiu (efeito rendimento) para R\$ 972,9 bi, se mantendo estável em 9,4% do PIB, seguindo bem abaixo tanto do seu pico, atingido em dez/20 (13,6%), como do patamar pré-pandemia (11,2% em fev/20).

A alta taxa Selic tem sido um dos principais fatores que explicam a saída de recursos da modalidade, que perde atratividade para outros instrumentos, como os depósitos à prazo (CDBs) e as letras de crédito (LCAs/LCIs), por exemplo, que cresceram substancialmente nos últimos trimestres, conforme Quadro 18.

A queda no saldo da poupança, como já comentado (e apontado no último Relatório de Economia Bancária do BCB), tem sido um fator limitante para a oferta do crédito imobiliário, dado que a caderneta é a principal fonte de *funding* (de baixo custo) para a linha de crédito. Os bancos precisam direcionar obrigatoriamente 65% do saldo da modalidade (SBPE) para o crédito habitacional.

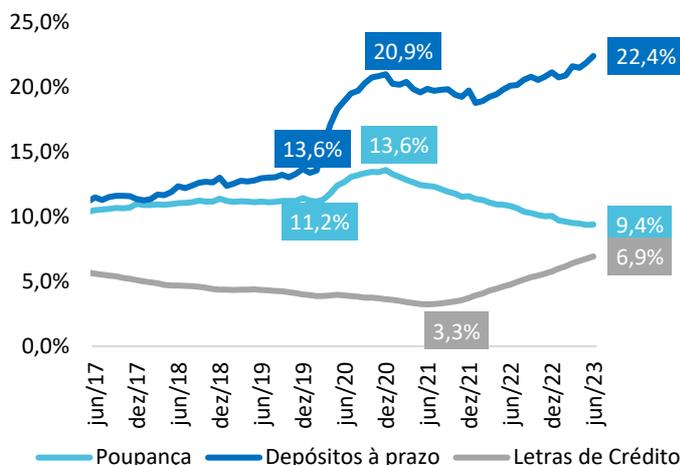
Para o resto do ano, a caderneta de poupança deve seguir perdendo recursos, dado que seguirá menos atrativa que outras formas de investimento. Isso porque, mesmo com a queda da taxa Selic, esta continuará elevada (expectativa de Selic em 11,75% aa no fim de 2023, segundo o boletim Focus), bem acima do retorno da caderneta (limitado a 0,5% a.m. + TR).

Quadro 17: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de Jul/23) – Evolução Mensal



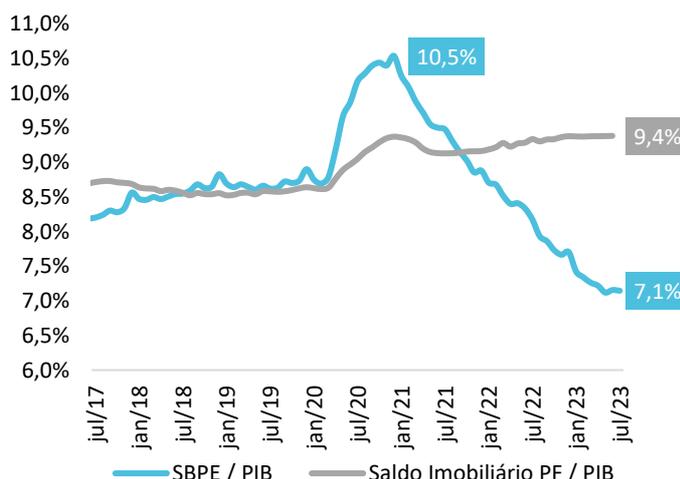
Fonte: Bacen.

Quadro 18: Saldo da Caderneta de Poupança, Depósito à Prazo e Letras de Crédito - Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 19: Saldo da Poupança SBPE e do Crédito Imobiliário – Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	11/8/23	4/8/23	14/7/23	Viés	11/8/23	4/8/23	14/7/23	Viés
IPCA (%)	4,84	4,84	4,95	↔	3,86	3,88	3,92	▼
PIB (% de crescimento)	2,29	2,26	2,24	▲	1,30	1,30	1,30	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	12,00	↔	9,00	9,00	9,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,93	4,90	5,00	▲	5,00	5,00	5,05	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	11/08/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,91	0,66%	3,85%	-7,06%	-4,83%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	171,72	-1,29%	4,26%	-32,41%	-31,69%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,09	-0,36%	-1,46%	-4,09%	-4,16%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,93	-1,31%	-2,56%	-18,47%	-18,65%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,46	-0,20%	-0,11%	-17,07%	-11,65%
Índice Ibovespa (em pontos)	118.065,14	-1,21%	-3,18%	7,59%	7,61%
IFNC (setor financeiro)	11.892,19	-1,10%	-3,93%	15,98%	10,51%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	120,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,89	2,74%	0,37%	10,59%	52,08%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,15	2,94%	4,89%	7,16%	43,79%
Dollar Index	102,84	0,81%	0,97%	-0,66%	-2,14%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.464,05	-0,31%	-2,72%	16,27%	6,10%
Índice de ações de bancos – EUA	100,28	-2,00%	-2,19%	-12,10%	-17,88%
Índice Euro Stoxx 50	4.321,33	-0,27%	-3,35%	13,91%	15,02%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	111,57	-0,91%	-2,05%	16,39%	32,82%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	86,81	0,66%	1,46%	1,05%	-12,84%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira